



Os “padres novos” como fruto do embaralhamento de paradigmas eclesiais

*The new priests as a result of the shuffling of ecclesial
paradigms*

MANOEL JOSÉ DE GODOY^a

Resumo

Este estudo faz um breve relatório e uma análise dos dados relativos às três questões que encerram o terceiro bloco de perguntas do questionário aplicado na pesquisa de campo em busca do perfil dos “padres novos” no Brasil, relativas a como está a vida e a relação do presbitério entre seus membros e com o bispo (questão 8), como veem os presbíteros em geral (questão 9) e qual o modo mais adequado de um presbítero vestir-se hoje (questão 10). A abordagem começa por um breve relatório dos dados, seguido de uma análise dos mesmos, enfocando as mudanças que a Igreja católica vem sofrendo desde a realização do Concílio Vaticano II (1962-1965). Para isso, toma como referencial, por um lado, o perfil dos padres das décadas de 1970/80, alinhados à perspectiva sócio pastoral “evangelização/libertação” e, por outro, o perfil dos “padres novos”, que se remetem à perspectiva “institucional/carismática”. Constata que a renovação conciliar levou a Igreja de uma postura apologética frente ao mundo a uma relação de diálogo e serviço, mas por pouco tempo, pois sofreu um revés enorme nas décadas posteriores, com repercussões profundas no ser e agir dos presbíteros. Na atualidade, o novo pontificado de Francisco resgata a renovação conciliar, mas não sem reticências e até mesmo com a oposição dos segmentos alinhados à perspectiva “institucional/carismática”.

Palavras-chave: Igreja Católica. Padres novos. Vaticano II. Formação presbiteral. Mundo.

^a Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG, Brasil. Mestre em Teologia, e-mail: mgmanologodoy@gmail.com

Abstract

This study makes a brief report and an analysis of the data related to the three questions that close the third block of questions of the questionnaire applied in the field research in search of the profile of "new priests" in Brazil, related to how is life and the relationship of the presbytery among its members and with the bishop (question 8), as seen by the presbyters in general (question 9) and what is the most appropriate way for an elder to dress today (question 10). The approach begins with a brief report of the data, followed by an analysis of the data that focuses on the changes that the Catholic Church has undergone since the Second Vatican Council (1962-1965). For this, it takes as a reference, on the one hand, the profile of the priests of the 1970s/80s, aligned with the theological-pastoral perspective "evangelization/liberation" and, on the other, the profile of the "new priests", who refer to the "institutional/charismatic" perspective. It notes that the conciliar renewal took the Church from an apologetic posture towards the world to a relationship of dialogue and service, but for a short time, as it suffered a huge setback in the following decades, with profound repercussions on the being and acting of priests. Currently, the new pontificate of Francis rescues the conciliar renewal, but not without reluctance and even the opposition of segments aligned with the "institutional/charismatic" perspective.

Keywords: Catholic Church. New Priests. Vatican II. Priestly training. World.

Introdução

Este texto faz uma análise de dados de uma pesquisa em busca do perfil dos "padres novos" no Brasil. No instrumento aplicado no levantamento de dados, nas cinco regiões do país, as três últimas perguntas do terceiro bloco, relativo à vida e exercício do ministério dos presbíteros na Igreja e no mundo de hoje, dizem respeito a como está a vida e a relação do presbitério entre seus membros e com o bispo (questão 8), assim como veem os presbíteros em geral (questão 9) e qual o modo mais adequado de um presbítero vestir-se hoje (questão 10). Trata-se de questões que originaram dados que revelam características da vida e ministério dos "padres novos" no seio do catolicismo brasileiro, retratado no ponto de vista de padres, leigos/as, jovens, seminaristas e religiosas.

Começaremos a abordagem com um breve relatório dos dados referentes a cada uma das três questões, chamando a atenção para determinados aspectos que vão ser a base de uma análise mais global, que

faremos em seguida. Tendo presente o foco da pesquisa que é o perfil dos “padres novos” no Brasil, no seio do catolicismo e da sociedade atual, o resultado do levantamento dos dados das três questões em pauta, me induziram a levantar uma hipótese de análise. Trata-se da influência do projeto de restauração eclesial, empreendido pelos dois pontificados anteriores ao atual, tanto na constituição do novo perfil do clero, como na percepção que os agentes eclesiais têm dele, assim como na visão que o próprio tem de si mesmo. Sabe-se que a renovação do Concílio Vaticano II, assumida na forma de uma “recepção criativa” na América Latina em torno à Conferência de Medellín (1968), a partir de meados da década de 1980, entrou em um processo de “involução eclesial”. O Sínodo dos Bispos de 1985, convocado para celebrar os vinte anos do Concílio, mostrava que o consenso em torno às suas intuições básicas e eixos fundamentais já não mais existia entre os bispos. Dentro e fora dele, se começa a ouvir vozes que responsabilizavam o Vaticano II por determinadas crises na Igreja, vistas como fruto de uma valoração demasiada otimista ou mesmo ingênua da modernidade e suas conquistas.

E foi assim que durante as três décadas que precederam o atual pontificado reformador de Francisco, de par com o distanciamento de segmentos da Igreja em relação à modernidade, foram ganhando terreno posturas de grupos de corte tradicionalista, nostálgicos da segurança de um passado sem retorno. A pesquisa, de fato, comprova a configuração no catolicismo brasileiro de duas perspectivas sócio-pastorais: a perspectiva “evangelização/libertação”, composta pelos segmentos da Igreja alinhados à renovação do Vaticano II e à tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina e Caribe, e a perspectiva “institucional/carismática”, dos que tomam distância da anterior, apostando seja em tradicionalismos, seja em emocionalismos como nos meios neopentecostais.

1. Breve relatório dos dados levantados

Começamos por um breve relato dos dados levantados por cada uma das três questões citadas.

Questão 8. *Como está a vida e a relação do presbitério de sua diocese, entre seus membros e com o bispo?*

Com a pergunta sobre como está a vida e a relação do presbitério, entre eles mesmos e com o bispo, há convergência quase unânime em indicar, em primeira opção, que o *Bispo é próximo, amigo dos padres e do povo, pastor* — “padres novos” (34,8%), leigos/as (37,4%), jovens (24,0%), seminaristas (47,4%) e religiosas (33,3%) da perspectiva “institucional/carismática”; e jovens (32,5%), seminaristas (30,4%) e religiosas (29,2%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Chama a atenção o alto índice dos seminaristas da perspectiva “institucional/carismática” neste particular, expressão do seguimento mais próximo dos bispos na formação do novo perfil de presbíteros nas últimas décadas, sobretudo depois da visita da Cúria romana aos seminários, já a partir do final da década de 1980. Esta proximidade dos Bispos é reafirmada com a indicação, em segundo lugar, pelos padres (26,0%) e leigos/as (29,1%) da perspectiva “evangelização/libertação”.

Na sequência, em primeira opção, a alternativa que *há ciúmes e competições, padres isolados, que não participam de atos comuns* é indicada pelos — padres (32,3%) e leigos/as (29,1%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Esta alternativa é reforçada pela nomeação em segundo lugar pelos padres (15,2%) e os seminaristas (21,8) da perspectiva “institucional/carismática”, assim como as religiosas (20,8%) da perspectiva “evangelização/libertação”.

Apenas os jovens da perspectiva “institucional/carismática” indicam em primeiro lugar que há *relações fraternas, com a presença de todos nos compromissos comuns* (24,0%). Essa alternativa é reforçada pela indicação, em segundo lugar, pelos padres (15,2%) e leigos (23,1%) da perspectiva “institucional/carismática” e pelos seminaristas (23,9%) da perspectiva “evangelização/libertação”.

Chama a atenção que somente os jovens da perspectiva “evangelização/libertação” digam e, em segundo lugar, que o *Bispo é distante, administrador, formal* (23,2%). Também que somente os jovens da perspectiva “institucional/carismática”, igualmente em segundo lugar, nomeiem que os *padres religiosos estão pouco integrados no presbitério e na pastoral diocesana* (22,0%). Alternativa esta, diga-se de passagem, que nos “padres novos” têm um índice muito maior do que nos “padres das décadas de 1970/80” (9,1% e 2,1%, respectivamente).

Questão 9. *Como vê os presbíteros, em geral?*

Quando questionados sobre como vê os presbíteros, em geral, as categorias de agentes eclesiais estão bastante dispersas nas respostas. A maior convergência está em indicar, em primeira opção, que *se nota alegria no servir e gosto pelo que fazer* — leigos/as (28,85%), jovens (26,0%) e seminaristas (41,0%) da perspectiva “institucional/carismática”; e leigos/as (14,9%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Esta alternativa é reforçada pela nomeação, em segundo lugar, por jovens (22,6%) e religiosas (15,1%) dessa última perspectiva.

Na sequência, em primeira opção, a maior convergência está em apontar que os presbíteros *são pessoas abnegadas, trabalhadoras, bons com o povo*. Alternativa esta indicada pelos padres (28,4%) e religiosas (30,3%) da perspectiva “institucional/carismática”; e pelos padres (43,3%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Esta alternativa é reforçada pela indicação, em segundo lugar, por parte dos leigos/as (13,8%), jovens (24,0%) e seminaristas (20,5%) da perspectiva “institucional/carismática” e por leigos/as (14,8%) da perspectiva “evangelização/libertação”.

Por sua vez, os jovens da perspectiva “evangelização/libertação” indicam em primeira opção que os presbíteros *não têm tempo para as pessoas, estão sempre apressados e atarefados* (26,0%), alternativa esta reforçada pela indicação em segundo lugar pelos padres (22,4%) e religiosas (21,2%) da perspectiva “institucional/carismática”. Já os seminaristas (22,4%) e as religiosas (26,0%) da perspectiva “evangelização/libertação”, nomeiam que os presbíteros *têm boas relações com o povo, são presentes e visitam as famílias*, alternativa esta reafirmada pela indicação, em segundo lugar, pelos padres desta perspectiva. Os seminaristas da perspectiva “evangelização/libertação” são os únicos em indicar, em segundo lugar, que *há padres amargurados, frustrados, isolados, de pouca relação com o povo* (18,4%). Também chama a atenção a disparidade nos índices relativos à alternativa — *procuram se cultivar, estudar, se aprimorar, se renovar* — os “padres novos” (10,4%) e os “padres das décadas de 1970/80” (4,2%).

Questão 10. *Para cumprir sua missão, qual é o modo mais adequado para um presbítero se vestir, hoje?*

Perguntou-se às categorias de agentes eclesiais, qual seria o modo mais adequado para um presbítero se vestir, hoje, para cumprir sua missão. Fica evidente como o modo de vestir-se expressa também uma visão de Igreja e de mundo. Todas as categorias de agentes eclesiais da perspectiva “evangelização/libertação” nomeiam, em primeira opção — *com trajes civis, com bom gosto e simplicidade*: padres (47,9%), leigos/as (42,7%), jovens (41,9%), seminaristas (34,0%) e religiosas (56,0%). Esta alternativa é reforçada pelas religiosas (40,0%) da perspectiva “institucional/carismática”, a única categoria dessa perspectiva a não indicar trajes clericais. Os “padres novos” também são os únicos a indicar esta alternativa em segundo lugar (30,3%).

Por sua vez, julgam que o modo mais adequado para um presbítero se vestir, hoje, para cumprir sua missão seja *com veste clerical: clergyman* — os “padres novos” (39,4%), jovens (37,3%) e seminaristas (51,3%) da perspectiva “institucional/carismática”, assim como pelos seminaristas (34,4%) da perspectiva “evangelização/libertação”. Esta alternativa é reforçada pela indicação, em segundo lugar, pelos leigos/as desta perspectiva (25,6%). Os leigos/as da “institucional/carismática” são os únicos a indicar, em primeira opção, que os presbíteros devam se apresentar *com vestes de padre: batina* (36,9%). Interessante constatar que reforçam a alternativa da batina os jovens (27,5%) e os seminaristas (20,5%) desta mesma perspectiva. A alternativa — *cada um escolha o que melhor lhe convier* — é nomeada em segundo lugar pelas religiosas da perspectiva “institucional/carismática” (31,3%) e pelos padres (38,5%), leigos (36,8%), jovens (40,5%), seminaristas (21,3%) e religiosas (25,0%) da perspectiva “evangelização/libertação”.

Em resumo, em primeira opção, todas as categorias de agentes eclesiais da perspectiva “evangelização/libertação” indicam em primeira opção que o modo mais adequado para um presbítero se vestir, hoje, para cumprir sua missão é *com trajes civis, com bom gosto e simplicidade*. Já nas categorias de agentes da perspectiva “institucional/carismática”, indicam *com veste clerical: clergyman* — padres, jovens e seminaristas; os leigos/as, a *batina*; e as religiosas que *cada um escolha o que melhor lhe convier*. Chama a atenção que os jovens e seminaristas da perspectiva “institucional/carismática” também indiquem, em segundo lugar, a *batina*. Na perspectiva “evangelização/libertação”, a *batina* tem índices mínimos, sendo que o mais

alto é dos seminaristas, mas ainda em quarto lugar. Também cabe mencionar que os seminaristas de ambas as perspectivas indicam o *clergyman*.

O mais significativo dos dados levantados nesta questão, na verdade, nem está no modo de vestir-se, mas que isso sinaliza uma visão do mundo e da Igreja. É isto que tem maior relevância e o que a pesquisa revela, sobretudo quando se cruzam estes dados com os demais. No cruzamento de dados é que emerge com transparência a mudança de perspectiva social e eclesial, tanto dos alinhados à perspectiva “evangelização/libertação” das décadas de 1970/80, como dos que se remetem à perspectiva “institucional/carismática”, fortalecida após a década de 1990.

As experiências de presbíteros morando em barracos ou bairros mais simples e periféricos, com uma identificação muito forte com a população simples e pobre sofreu um arrefecimento significativo. E esses presbíteros eram os que mais se identificavam com as lutas dos movimentos populares, da classe trabalhadora e até com os partidos políticos mais de esquerda. Nas periferias das grandes cidades ajudavam a multiplicar as comunidades eclesiais de base, tão estigmatizadas no meio eclesial de hoje. Tudo isso revelava uma visão da Igreja mais identificada com o espírito do Concílio Vaticano II e, sobretudo, com a perspectiva da segunda Conferência do Episcopado Latino Americano de Medellín.

2. Retrospectiva histórica à luz de alguns paradigmas católicos

Refletindo sobre as respostas dadas a essas questões propostas pela pesquisa, a meu ver, emerge uma problemática bastante instigante para quem analisa as posturas da Instituição Católica ao longo dos anos. Inevitavelmente, surge uma questão mais estrutural: será que o “paradigma tridentino” foi verdadeiramente superado e suplantado pelo paradigma da renovação do Vaticano II? Sobretudo durante o período dos dois pontificados que precederam ao atual, traços do “paradigma tridentino” se insurgiram contra o processo de renovação inspirado no Concílio Vaticano II. Ao longo deste artigo, vou procurar mostrar os passos de retrocessos ocorridos, que, na minha

análise, favoreceram o ressurgimento de um clero alinhado com propostas restauracionistas, nos moldes do Concílio de Trento. O que vemos hoje, conforme comprova a pesquisa em questão, é que estamos numa conjuntura eclesial de embaralhamento de paradigmas eclesiais. As perspectivas do Concílio Vaticano II, com suas inúmeras iniciativas, continuam e, agora, reforçadas pelo pontificado do Papa Francisco. Porém, as de Trento seguem firmes e, em alguns setores da Igreja, praticamente intocadas. Daí que as duas óticas da pesquisa, a perspectiva sócio-pastoral “institucional/carismática” e a perspectiva “evangelização/libertação” convivem em espaços apertados, nos mais diversos rincões do país. Numa mesma Diocese podemos ter as duas vertentes disputando a hegemonia do processo eclesial. Mesmo em ambientes que já foram profundamente avançados na implementação das conclusões do Vaticano II, vemos diversos sinais de presença atuante da perspectiva tridentina. Creio que nessa ótica entendemos melhor o resultado da pesquisa, e, sobretudo, constatamos o vigor da tendência institucional nas respostas dos seminaristas, que emergem como uma categoria mais conservadora, frente aos demais seguimentos entrevistados. Na verdade, eles se configuram como um grupo bem definido no viés da volta ao passado. É bom lembrarmos de que é desse seguimento que virão os novos padres, que assim sendo continuarão impregnando a Instituição católica com seu estilo de exercício do ministério, mais alinhado ao Concílio de Trento do que ao Vaticano II. Recomendo o artigo de Solange do Carmo, publicado no site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), sob o título — *Padres Ornamentados: o que isso nos diz?* É bastante iluminador desta tendência identificada como adeptos da “teologia do pano, da fumaça e do prestígio”. As vestimentas têm sido um sinal forte de alinhamento do novo clero com as perspectivas de uma Instituição mais tridentina e clericalista.

Para corroborar esse embaralhamento de paradigmas, vou fazer uma retrospectiva histórica dos últimos anos, na tentativa de detectar os elementos eclesiológicos mais fortes, capazes de emitir uma luz na interpretação do fenômeno do crescimento da perspectiva “institucional/carismática”, em detrimento da perspectiva “evangelização/libertação”.

Desde o longo pontificado do Papa João Paulo II, somado ao período do Papa Bento XVI, temos na Igreja uma inversão de protagonistas de maneira bastante forte. Depois do Concílio Vaticano II, tivemos um papel bastante preponderante da vida consagrada, por meio de Ordens e Congregações religiosas, inclusive algumas até então bastante tradicionais, que buscaram a renovação à luz das iluminações dos textos conciliares e do seu espírito. Junto com um impulso dado à vida consagrada, tivemos também um grande reforço no papel dos leigos e leigas na Igreja. Portanto, estavam sendo empoderados novos protagonistas nos processos eclesiais. O Papa João XXIII marcou o início do tempo conciliar com a palavra *aggiornamento*, impulsando novos caminhos eclesiais e novos ares em todos os segmentos eclesiásticos. Paulo VI também seguiu na mesma perspectiva, apesar de percebermos já algumas mudanças no final do seu pontificado, quando a preocupação com a disciplina começou a ganhar campos cada vez mais vastos na Igreja. Precisamos levar em conta que o catolicismo mundial está centrado em Roma. Como afirmou o teólogo Franz-Xaver Kaufmann, “como nenhuma outra religião, o catolicismo romano cativa pelo grau de sua hierarquização organizacional e sua centralização” (KAUFMANN, 2013, p. 124). Daí a importância fundamental nas posturas dos pontífices, que acabam por influenciar todo o ritmo da Instituição católica. Como o *aggiornamento* proposto pelo Papa João XXIII previa a abertura da Igreja ao mundo, seria uma consequência normal que os processos pelos quais as sociedades passavam repercutissem fortemente no interior da Instituição. Kaufmann constata: “na segunda metade do século XX, o progresso científico e a mudança social se aceleraram. Os princípios da democracia e dos direitos humanos se impuseram como modelos de convivência humana” (KAUFMANN, 2013, p. 125). Esses processos causariam furor dentro da Instituição, pois aceleraram processos críticos sobre o estilo, a forma e a estrutura da Igreja. Para conter uma onda renovadora e crítica no seio da Instituição, sobretudo no pontificado do Papa João Paulo II, ganha importância a Congregação da Doutrina da Fé, para a qual o Papa nomeia o teólogo Joseph Ratzinger como Prefeito deste Dicastério e seu teólogo mais próximo e de confiança.

É no clima da defesa da “grande disciplina” que surgirão inúmeros grupos que mesclam esse objetivo com um estilo de vida que, em muitos aspectos, buscam recuperar o espírito do Concílio de Trento que, no afã de

defender a identidade da Igreja, declaravam anátema a qualquer voz discordante da doutrina católica por eles definida. Tais grupos abriram guerra ao processo hermenêutico aberto pelo Concílio Vaticano II. O Teólogo João Batista Libanio, em sua obra — *A volta à grande disciplina* (LIBANIO, 1983), afirma que “não se pode fechar o processo hermenêutico, como se a história dependesse de um desejo e vontade nossos” (LIBANIO, 1983, p. 162). Porém, a perspectiva fundamentalista declara a morte da hermenêutica e se aferra à defesa cega da ortodoxia, como se aí estivesse o único caminho de salvação.

Por outro lado, é interessante observar a articulação de elementos pós-modernos com essa perspectiva fechada e tacanha. Cria-se algo bastante curioso, para dizer o mínimo. Para ilustrar, tenho uma imagem que me chamou a atenção: um jovem de batina pilotando um celular de última geração, com extrema habilidade. Luiz Roberto Benedetti, em relação a esses grupos que nasceram nessa perspectiva na Igreja, já tinha afirmado que tal combinação pode ser identificada como “arcaico-fashion” (BENEDETTI, 2009, p. 29). Boa comparação se pode fazer com os movimentos neopentecostais de corrente evangélica. Eles apostam nos festivais gospel, com um aparato de luz e som equiparado ao dos grandes shows artísticos. É um investimento imenso que fazem, combinando o conteúdo fundamentalista e doutrinário com o que há de mais avançado em tecnologia.

É preciso desenvolver a prática do discernimento para entender os processos atuais no seio da instituição católica, pois, como em tudo na história, uma época não substitui a outra de maneira mágica e, por longo tempo, vários processos convivem, se sobrepondo e disputando espaços. O que vemos na atualidade é a mistura do paradigma forjado por dois importantes Concílios: de um lado os Concílios IV Lateranense e Trento e de outro o Concílio Vaticano II. Fala-se que há entre estes paradigmas uma linha de “continuidade”, que é muito mais forte do que a da “ruptura” ou da descontinuidade. De fato, mesmo nos textos do Concílio Vaticano II, percebe-se o embaralhamento desses paradigmas eclesiais. O que não é de se estranhar, pois, em todo texto eclesiástico escrito a muitas mãos, há uma tentativa de compaginar concepções diferentes e até antagônicas. Tomando a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, é possível rastrear as visões contrárias, num esforço de agradar a todas as tendências conciliares. Por isso, é importante que, junto à

letra do texto, se respire seu espírito em seu contexto, que sempre emite uma luz e favorece o processo hermenêutico.

3. O Novo Rosto do Clero

Neste contexto descrito acima, vemos emergir um novo sujeito bastante incômodo no catolicismo brasileiro: os “padres novos”. Foi lançado recentemente um livro significativo que contém a análise desta mesma pesquisa à qual nos referimos, atendo-se mais aos dois seguimentos de padres: os da década de 1970/80, representando a perspectiva “evangelização/libertação” e o novo clero, da perspectiva “institucional/carismática” (BRIGHENTI, 2021). Mal o livro veio a lume, já encontrou comentários desta perspectiva se defendendo e, como é de praxe, acusando seus autores de que seriam teólogos de gabinete. É bom sinal, pois significa que o livro incomodou a quem devia mesmo incomodar.

Na obra, acompanhado de outros oito analistas, Agenor Brighenti afirma com precisão os nós de inflexão provocados pelo clero novo: “A nova perspectiva de presbíteros, por suas práticas pastorais e comportamentos pessoais, ao se se vincularem ao recente deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético na esfera da experiência religiosa, tem provocado tensões e entraves nos processos pastorais em curso, tanto nas dioceses entre os presbíteros como nas paróquias onde atual frente a religiosas, leigos e leigas” (BRIGHENTI, 2021, p. 17).

Verdadeiramente, constata-se um mal-estar bastante generalizado nas dioceses do país, devido à atuação de presbíteros muito preocupados com vestimentas litúrgicas, ostentação na mídia e nas redes, e busca de muito conforto. Distanciam-se dos mais pobres e das comunidades mais engajadas, onde o confronto com leigos e leigas se dá mais na pele, no convívio mais próximo. Ignoram sistematicamente as orientações e perspectivas do Papa Francisco.

Vivem como se a conjuntura social e política não lhes apresentasse qualquer desafio. O país está mergulhado numa crise imensa, com 116 milhões de pessoas sofrem de insegurança alimentar, pessoas que não sabem se vão ter o que comer no dia seguinte. O Brasil volta ao mapa da fome e o novo clero

continua vivendo como se nada estivesse acontecendo, gastando com vestimentas litúrgicas caríssimas e, quando não usam batina ou se vestem com roupas de grife. A alienação dos padres novos foi comprovada na pesquisa, de acordo com a análise dos dados feita pela pesquisadora Brenda Carranza. Ela constatou como “dissonante na visão de mundo dos “padres novos”, a indicação de que a melhora no mundo é o acesso à educação, moradia, saúde e trabalho” (28,8%), quando “o próprio IBGE registra que os indicadores sociais, que analisam a qualidade de vida e os níveis de bem-estar das pessoas, famílias e grupos populacionais, apontam para a não efetivação dos direitos humanos e sociais da sociedade brasileira” (CARRANZA, 2021, p. 71).

Para os “padres novos”, os problemas se concentram na união de pessoas do mesmo sexo, no faltar às missas aos domingos, nas investidas do demônio sobre as pessoas, nas lutas por direitos humanos de populações aviltadas pelo governo atual, aos quais acusam de serem todos comunistas. Basta alguém ou um movimento defender qualquer direito, em qualquer circunstância, pessoal ou coletiva, para ser taxados de comunistas. Desta forma, se esquivam de suas obrigações com os mais vulneráveis da sociedade.

Em defesa de um projeto de retorno ao velho paradigma que conferia ao clero um status de relevância na sociedade, o clero novo se defende dizendo que são os guardiães da ortodoxia. Se a prática não é reta, não importa, o que tem de ser reta é a doutrina. Porém, mergulhemos um pouco na história das últimas décadas da Instituição católica, onde encontraremos raízes para tais posicionamentos e sustentação de nossa hipótese de que o clero novo é fruto do embaralhamento de paradigmas eclesiais.

4. Um projeto de Restauração Eclesial

Muito já se escreveu desse projeto. Por isso, para efeito de corroborar com nosso escopo, que é o de sustentar que ele oferece um quadro bastante interessante para se entender o novo clero, bastam alguns pontos mais significativos. Nada mais elucidativo que perscrutar o pensamento do Cardeal Josef Ratzinger, quando prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. Em 1985, às vésperas do Sínodo Extraordinário dos Bispos, convocado por João

Paulo II para um balanço ou mais com o objetivo de uma revisão do Concílio Vaticano II vinte anos depois de seu encerramento, o Cardeal Ratzinger cedeu uma entrevista, onde temos as linhas mestras do projeto de restauração eclesial que, eufemisticamente, recebeu o nome de Nova Evangelização. Destaco apenas alguns pontos do que está nesta entrevista, como o pensamento do Cardeal Ratzinger:

O Vaticano II encontra-se hoje em uma luz crepuscular. Pela chamada ‘ala progressista’, há muito tempo ele é considerado superado e, por conseguinte, um fato do passado, sem importância para o presente. Pela parte oposta, a ala ‘conservadora’, ele é julgado responsável pela atual decadência da Igreja Católica, e até se lhe atribui a apostasia com relação ao Concílio de Trento e ao Vaticano I: de tal forma que alguns chegaram a pedir a sua anulação ou uma revisão que equivaleria a uma retirada (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 15).

Para Ratzinger, não havia dúvidas de que o Concílio era responsável pela situação decadente da Igreja. Ele, na mesma entrevista supracitada, afirma: “É incontestável que os últimos vinte anos foram nitidamente desfavoráveis para a Igreja católica” (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 16) e, ainda: “Esperava-se um salto para frente e, em vez disso, chegou-se a um processo progressivo de decadência, que veio se desenvolvendo, em larga medida, sob a bandeira de um suposto espírito do Concílio e, desse modo, o desacreditaram” (RATZINGER/MESSORI, 1985, p. 17). Essa perspectiva vai marcar o projeto de restauração, profundamente depreciativo em relação ao Concílio e a todas as iniciativas eclesiais inspiradas nos seus documentos conclusivos. E é nesse espírito que começará uma vigilância maior sobre os agentes eclesiais, sobretudo os bispos e padres. O enquadramento do clero acabou se tornando um objetivo muito forte do projeto de restauração. O cardeal prefeito do antigo “Santo Ofício” ainda diz que a restauração é “a busca de um novo equilíbrio, após os exageros de uma abertura indiscriminada ao mundo, depois das interpretações por demais positivas de um mundo agnóstico e ateu” (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 53).

Fica evidente que o ataque vai direto a um dos pilares do Concílio Vaticano II — a busca de diálogo com o mundo. Desde os tempos dos racionalistas, a Igreja vinha numa postura de entrincheiramento identitário e gestando uma espécie de ideologia da conspiração. O cardeal prefeito do

antigo “Santo Ofício” parecia ter saudades daqueles tempos e dizia que era preciso buscar um equilíbrio no entendimento e na relação da Igreja sobre o mundo. Esse é um dado importante, pois o clero jovem insiste nesta postura, com discursos eivados de uma moral fechada e obtusa.

Todo projeto, seja para avançar seja para retroceder, necessita de agentes convencidos da eficácia de seus indicadores. Os dois pontífices que precederam a Francisco apostaram suas fichas nos movimentos espiritualistas e/ou integralistas. Dizia o cardeal prefeito: “o que se abre à esperança, em nível de Igreja universal é o surgimento de novos movimentos que ninguém projetou, mas que brotaram espontaneamente da vitalidade interior da própria fé” (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 54).

Na realidade, o que outros haviam afirmado sobre o Concílio, de que se tratava de um novo Pentecostes na Igreja, agora é aplicado aos novos movimentos. Interessante observar que em relação a estes, o prefeito do antigo “Santo Ofício” expressa muita tolerância, bastante desproporcional aos sentimentos que tem quando se trata de expressões eclesiais mais avançadas. Depois de dizer que se referia ao Movimento Carismático, aos Cursinhos, aos Focolari, ao Neocatecumenato, à Comunhão e Libertação, afirma: “certamente todos estes movimentos levantam algum problema; comportam também, em maior ou menor medida, perigos. Mas isto acontece em qualquer realidade vital” (RATZINGER; MESSORI, 1985, p. 54). E com essa condescendência, tudo foi permitido a essas expressões no seio da Igreja. Interessante observar que vários movimentos inspirados nessa mesma perspectiva apresentaram problemas bastante sérios, com suas lideranças, como Legionários de Cristo, o Opus Dei, os *Soldalícios*, a Comunidade Missionária Villaregia, os Arautos do Evangelho, a Toca de Assis e alguns ramos menores de cunho carismático.

Tais movimentos ou organizações eclesiais, mesmo os que apresentam um grande contingente de leigos e leigas em suas fileiras, são extremamente clericais. Conquistaram muitos membros do clero, aos quais manifestam uma veneração bastante exacerbada. Criam um clima adequado para muitos membros do clero jovem, que se sentem acolhidos e até paparicados no meio deles. Como afirmou Gordon Urquhart, esses movimentos acabaram por se constituir na “Armada do Papa”, como uma força apologética incomum. Na

sua descrição, ele diz: “Independentes e autossuficientes, esses grupos são comandados por um líder carismático, foco de um fanático culto de personalidade. Hierarquizadas e bem administradas, estas organizações estão engajadas em atividades missionárias que ultrapassam todos os limites do catolicismo tradicional” (URQUHART, 2002, p. 158).

Talvez, o que vai limitar a ação desses grupos seja os inúmeros casos de desvios na da ordem moral, pois como afirma o Papa Francisco: “por trás da rigidez, há sempre alguma coisa escondida; em inúmeros casos, uma vida dupla” (FRANCISCO, 2016). A situação é mais grave do que podemos pensar. O jornalista-escriptor Frédéric Martel chega a enumerar dentre os motivos que levaram o Papa Bento XVI a renunciar os inúmeros escândalos de pessoas renomadas da Igreja (MARTEL, 2019, p. 477). Acrescento que, dentre elas, muitas pertencem aos novos movimentos e seus simpatizantes, inclusive pessoas influentes no Vaticano.

Outra perspectiva do “projeto de restauração”, sob o nome de Nova Evangelização, é o controle nas nomeações dos bispos. Na ocasião, o cardeal afirmou que “nos primeiros anos do pós-Concílio, o candidato ao episcopado parecia ser um sacerdote que fosse, antes de tudo, aberto ao mundo, em todo o caso, esse requisito era posto em primeiro plano” (RATZINGER;MESSORI, 1985, p. 55). Entretanto, era preciso corrigir essa rota, pois, o mundo era visto pelo cardeal e pela ala que ele representa, como uma realidade hostil e inimiga da Igreja. Frente a isso, o controle nas nomeações seria mais acirrado, escolhendo, portanto, “bispos dispostos a opor-se ao mundo e a suas tendências negativas” (RATZINGER/MESSORI, 1985, p. 55).

Vale a pena destacar, ainda, que o próprio cardeal, depois de assumir o pontificado, fez inúmeras e duras críticas ao carreirismo. Porém, ele não reconheceu que tal postura tenha sido incentivada pelo processo de seleção daqueles que ele julgava de confiança, examinados pelos Núncios Apostólicos, também homens rigorosamente alinhados com a política vaticana. Tratava-se de um sistema extremamente fechado, que gerava um ambiente pouco evangélico, segregando os que pensavam diferente do “projeto de restauração”. É ruim, pois, dessa maneira emerge uma perspectiva danosa, que separa o corpo clerical em amigos e inimigos. Quando a classificação se dava entre progressistas e conservadores, pelo menos se tinha um ideal em

jogo, algo que apresentava formas diferentes de manifestar o amor à Igreja. Porém, nessa política de amigos e inimigos, o que antes tinha substância, se transforma em questões de afeto, de simpatia, subjetivando o que deveria ser objetivo e efetivo.

O espírito do carreirismo acaba fomentando uma instituição onde os subalternos procuram agradar a cúpula, mesmo que não represente no interior aquilo que julga valer a pena dar a vida. E pior, o carreirismo subjuga os critérios éticos aos seus objetivos, usando, inclusive, seus próprios irmãos de presbitério para alcançar seus objetivos.

No domingo do Bom Pastor de 2006, o Papa Bento XVI afirmou com força que não se pode ser “sacerdote” visando “fazer carreira” ou “ocupar um alto cargo na Igreja”. Disse que o “sacerdote” deve pautar sua vida por um desejo sincero de serviço aos outros, à imagem de Jesus Cristo. Em sua homilia, na celebração eucarística, na Basílica de São Pedro, em que ordenou quinze novos presbíteros para a Diocese de Roma, fez críticas ao “homem que, pelo sacerdócio, quer ser importante”, repudiando que se possa ter como objetivo, na vida presbiteral, “a exaltação pessoal e não o servir humildemente Jesus Cristo”. Como critério hermenêutico, podemos afirmar que o Papa faz críticas deste nível porque a situação constatada por ele é grave (PAPA BENTO XVI, 2006, p. 1).

E em 2010, celebrando São Domingos de Gusmão, no dia 03 de fevereiro, o Papa Bento XVI diz que a busca por poder pessoal, está também na Igreja. Numa audiência geral, realizada na Sala Paulo VI, questionou “se os sacerdotes, que têm um papel de animação e de governo na Igreja, estariam imunes aos males do carreirismo e da busca pelo poder pessoal”. E afirmou: “A carreira e o poder não serão uma tentação? Uma tentação da qual não estão imunes nem aqueles que têm um papel de animação e de governo na Igreja?” (PAPA BENTO XVI, 2010, p. 1).

Porém, faltou tirar conclusões mais contundentes desse clima de carreirismo que estava minando o espírito de fraternidade e colegialidade que deveria vigorar no meio do clero. O acento dado no ministério presbiteral e episcopal pelos dois pontificados que precederam o Papa Francisco incentivava um estilo de padre e bispo bastante individualista e com ânsia por cargos de poder. As críticas que o Papa Bento XVI fazia ao carreirismo se

tornaram uma forma concreta de reconhecer que algo errado estava acontecendo com a estrutura clerical, que favorecia esse tipo de comportamento.

Ao privilegiar um tipo de padre capaz de se opor ao mundo, incentivou-se um movimento centrípeto, de retorno à sacristia, como se ela fosse um *bunker* a proteger aqueles aos quais o mundo persegue. Voltando-se para o seu interior, esfumando o ideal de ser sacramento da salvação, se acabava trazendo todos seus membros para disputa interna. E o que vemos é o esforço de agradar e seguir uma perspectiva de Igreja autocentrada e autorreferenciada, negligenciando sua missão que deve ser sempre centrífuga, a modo de luz, sal e fermento, para fora de si mesmos.

O outro lado da mesma questão está no fato de os membros do clero se sentirem superiores aos demais cristãos no corpo eclesial. Outro dia, um militar me disse que no quartel ele aprendeu que ele estava sendo formado não somente para ser militar, mas para ser superior a qualquer outro ser humano. Acima dele haveria somente a hierarquia da farda. O pior é que ele acreditava mesmo ser superior aos demais. *Mutatis mutandis* é algo correlato o que se passa entre os clérigos no seio deste projeto restaurador. E se para visibilizar a sua superioridade for preciso recorrer a algo bem exterior, vem a vestimenta e outros costumes como recursos.

5. O modelo de formação do novo clero

O presbítero de Londrina, Manuel Joaquim dos Santos, foi categórico ao apontar o modelo de formação do novo clero, como um ponto fundamental no reforço do clericalismo, tão em voga nos dias de hoje:

O nosso modelo formativo não é somente arcaico, mas está falido. Não se sustenta mais! Apesar de experiências pós-conciliares (em alguns países ou até entre nós, no Recife) a Igreja com S. João Paulo II, reforçou o modelo tridentino de Seminários e é o que temos hoje. Jovens retirados de seus meios, vivendo uma vida artificial, repleta de “mordomias” e perdendo completamente a capacidade de dialogar com o diferente ou até de experimentarem as derrotas, inerentes a qualquer debate. Eles são “preparados” para dizer a última palavra! E isso é um desastre em termos atuais! Saem da formação considerando-se garantidores da ortodoxia eclesiástica, conhecedores da doutrina e *experts* em quase tudo! Para

vincarem esta postura anacrônica e eu diria, fatal, apostam nas vestes e adornos litúrgicos, que evidentemente os distanciam do sacerdócio comum (JOAQUIM, 2021, p. 1).

De fato, dentro do projeto de restauração supracitado, um dos alvos a ser vigiado e transformado totalmente eram os seminários. No pontificado de João Paulo II foi empreendida uma visitação às casas de formação, com subsequente fechamento ou enquadramento de todas as experiências que não se alinhavam aos padrões do projeto. Assim aconteceu com os seminários do Recife, de Belém, da Paraíba e outros.

Não é por acaso que numa pesquisa realizada nos Estados Unidos, em 2014, o seguimento da instituição católica que nela revelou mais medo em relação ao pontificado de Francisco foi o dos seminaristas. Segundo o Padre Luís Erlin, “tais seminaristas (não todos, mas a maioria dos Estados Unidos), veem com desconfiança algumas atitudes do Papa. Sobretudo alguns pronunciamentos, em que ele convoca os padres a não ser clericalistas, a não viverem o presbiterato como um status social ou religioso” (ERLIN, 2014, p.1). Ele ainda comentou que “alguns seminaristas confessaram ter medo do futuro da Igreja, de forma mais específica, sobre o futuro da função sacerdotal que eles irão assumir” (ERLIN, 2014, p. 1).

Nossa pesquisa também revela que os seminaristas alimentam uma imagem de presbítero que não se coaduna bem com o indicado pelo Papa Francisco e, claro, mais grave, com o ideal evangélico, pois Jesus Cristo apontava como única hierarquia admitida entre os seus discípulos a do serviço: “o maior dentre vós deve ser aquele que vos serve” (Mt 23,11).

Padre Erlin estende seu comentário sobre o resultado da pesquisa, dizendo:

Embora o resultado da pesquisa cause certo estranhamento, se fizermos uma análise profunda das muitas instituições formativas (seminários, conventos etc.), veremos, de forma lamentável, que ainda prevalece o carreirismo. As consequências dessa atitude são inquestionáveis: falta de misericórdia pastoral; falta de compromisso com as fragilidades da humanidade; uma vaidade exacerbada, apegada mais ao rito e ao poder do que ao serviço (ERLIN, 2014, p. 1).

Lamentavelmente, esse fenômeno ocorre de maneira bastante generalizada, o que nos provoca um sentimento diferente daquele dos seminaristas norte-americanos. Se eles têm medo do futuro em relação ao presbiterato, diante das críticas do Papa Francisco ao carreirismo, nós nos entristecemos, pois, a busca por esse tipo de ministério que confere status e poder vai exatamente no sentido contrário do ideal de padre numa Igreja em saída, como nos pede o Papa.

O padre José Antônio de Oliveira, do clero de Mariana, partindo da mesma pesquisa, levantava outro tipo de problema, relacionado mais com a pastoral vocacional. Comentava ele:

Quando estava na CNBB, atuando justamente no então Setor de Vocações e Ministérios, nosso companheiro José Lisboa, a quem muito prezo e admiro, demonstrava uma enorme preocupação com certos tipos de “propaganda” vocacional. Deparávamos com inúmeros cartazes, folders, páginas na internet de campanhas vocacionais. Uma grande parte desse material trazia fotos de casas bonitas, ou até luxuosas, quartos confortáveis, áreas de esporte, piscinas etc. Tudo para “atrair” candidatos (OLIVEIRA, 2015).

Reportando-se aos textos do padre Lisboa, Oliveira comentava:

se alguém entra para um seminário ou casa de formação por causa desses atrativos, como esperar desse candidato o desejo de servir, a gratuidade, o ardor missionário? Será que aceitará trabalhar numa periferia, entre excluídos ou num país de missão? Terá a mística do serviço ao próximo, do lava-pés? Quase impossível! Claro, como os adeptos dos novos movimentos gostam de repetir: para Deus, tudo é possível. Porém, se continuamos a formar os novos padres na atual forma, estamos, na verdade, desafiando a Deus com nossa negligência (OLIVEIRA, 2015).

6. Mundanismo espiritual

O Papa Francisco já fez alertas sérias também a um outro elemento da mesma questão que estamos comentando, à qual ele chamou de mundanismo espiritual. Ele elencou essa questão dentro de uma lista de problemas que ele denominou de tentações dos agentes de pastoral. Ele se referia ao excesso de exibição por parte de alguns nos meios de comunicação. Sobre isso, Oliveira comentou:

Outro elemento que pesa bastante são os padres mediáticos. Pessoas que fazem sucesso na TV, no mercado da música, nas redes sociais. A própria comunicação social coloca esses padres como modelo e referência. Nunca aqueles que estão nas periferias, nas áreas de missão, nas paróquias mais simples. Muitos jovens procuram o presbiterato, motivados por essa visibilidade, esse “sucesso”. Aí, entra fatalmente: o carreirismo, o estrelismo, o uso da religião para se promover. Não é a busca de um Deus a quem quero servir, mas o servir-se de Deus e da fé unicamente para a realização pessoal (OLIVEIRA, 2015).

Interessante observar que essa tendência junto ao clero cresceu na esteira do testemunho do Papa João Paulo II, que chegou a ser chamado de *Papa Pop Star*. Com suas andanças pelos mais diversos países, o Papa João Paulo II conseguia reunir enormes multidões, com as quais ele se comunicava de maneira vibrante e próxima. Li o testemunho de uns destes presbíteros da mídia, que foi exatamente com esse exemplo do Papa João Paulo II que ele percebeu que podia fazer muito mais para a evangelização do que ficar restrito ao território de uma paróquia. É claro que o incremento que a mídia recebeu nas últimas décadas também contribuiu enormemente para esse estilo de evangelização. O surgimento de canais de TV católicos se constitui num dado de suma importância para entender tal fenômeno. Popularmente, se diz que houve “um encontro entre a fome e vontade de comer”, isto é, o ambiente midiático encontrou uma força que estava represada junto ao clero jovem, de investimento no “modelo ostentação” em linha de evangelização.

O Papa Francisco foi enfático ao criticar o uso da religião para a promoção pessoal, que se constitui numa expressão religiosa autorreferenciada. Afirmou que o mundanismo espiritual leva os agentes de pastoral a buscar a glória pessoal acima de tudo, mesmo mantendo uma aparência de religiosidade e até mesmo de amor à Igreja. Tal tendência se exacerba no cuidado das aparências em detrimento de uma espiritualidade profunda e capaz de dar sentido à vida. Ele afirma que tal mundanismo se alimenta de uma fé fechada no subjetivismo ou numa perspectiva de quem “confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado” (EG 93). O problema é que esse comportamento leva a uma falsa segurança doutrinal ou disciplinar, que induz o agente de pastoral a se julgar mais fiel à instituição católica que os outros irmãos.

Há diversas formas de manifestação desse mundanismo espiritual e o Papa Francisco destaca: em alguns, um cuidado exibicionista da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja; em outros, um fascínio de poder mostrar conquistas sociais e políticas; em outros, ainda, o mundanismo espiritual se manifesta em dinâmicas de autoestima e de realização autorreferencial. Continua o Papa dizendo que também se pode traduzir tal mundanismo, em várias formas de se apresentar a si mesmo, envolvido numa densa vida social cheia de viagens, reuniões, jantares, recepções. Por fim, o Papa Francisco diz que o mundanismo espiritual se desdobra num funcionalismo empresarial, carregado de estatísticas, planificações e avaliações, onde o principal beneficiário não é o povo de Deus, mas a Igreja como organização (EG 94-95). Entende-se, por tudo isso, a rejeição de parte do clero jovem ao Papa Francisco e sua insistência em continuar tratando o Papa Bento XVI como a referência maior na condução da Igreja. Na verdade, percebemos que, sobretudo no clero adepto da tendência carismática deu-se, aos poucos, a montagem de uma espécie de “combo” com seus santos de devoção: São Pio Pietrelcina, Santa Faustina Kowalska, Nossa Senhora de Fátima e de Medjugorje, Santa Faustina Kowalska, São Luís de Montfort, Carlo Acutis, São João Paulo II e, embora não tenha sido canonizado, pois vive, Bento XVI também entra nesta combinação. Neste combo entram alguns santos de devoção mais antiga, que foram resgatados, tais como São Judas Tadeu, Santa Edwiges, Santo Expedito, o Arcanjo São Miguel, Santa Rita de Cássia e outros.

Conclusão Prospectiva

Apesar de estarmos, já há algumas décadas, com esses dois polos eclesiais — as perspectivas “institucional/carismática” e “evangelização/libertação” — não temos condições precisas de fazermos uma constatação prospectiva. É sabido que quanto mais a sociedade mergulha no caos, nos mais diversos âmbitos, emerge uma população carente e depressiva, fomentando a busca por socorro psicológico, que se confunde com as demandas espirituais. As fronteiras entre a problemática psicológica e os anseios do campo espiritual não são tão nítidas, exigindo de quem trabalha nos dois campos um esforço por um profissionalismo sério. Não se deve embaralhar essas duas áreas, pois o não

discernimento transparente pode resultar em problemas sérios às pessoas. Quem se apresenta com surto psicótico não deve ser induzido a pensar que está possuído pelo demônio. Há quem apresente graus diversos de esquizofrenia ou de outro mal psicológico sendo tratado como presa de satanás, resultando em agravamento muito sério em ordem psíquica. O Papa Francisco vê o esvaziamento da verdadeira espiritualidade, até mesmo entre agentes pastorais, que “confundem a vida espiritual com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização” (EG 78).

Estamos acompanhando a multiplicação de casos de pessoas com quadro depressivo nestes tempos pandêmicos. Aproveitar-se disso para expandir o campo religioso é charlatanice. Se vivêssemos num país com bases democráticas mais sólidas, inúmeras manifestações religiosas seriam simplesmente proibidas. Confunde-se liberdade religiosa com falta de fiscalização em todo e qualquer empreendimento que leve o selo de religião. São inúmeros os sites que dão o passo a passo para abertura e gestão de igrejas e ou grupos religiosos. Neste quesito, inúmeras comunidades alinhadas à perspectiva “institucional/carismática” se servem desta orientação empreendedora para se estabelecer. Até onde vai essa tendência, é muito difícil de prever. Porém, pode-se levantar hipóteses. Pela situação social e política que o país atravessa, a perspectiva religiosa da autoajuda tem vida longa. Multiplica-se geometricamente o número de pessoas necessitadas de amparo de todos os tipos. Campo fértil para quem investe na dimensão terapêutica da religião.

Como o Papa Francisco costuma afirmar, o tempo é superior ao espaço, e, por isso, mais importante do que fazer demarcação de área de poder, é desencadear processos que deem frutos a longo prazo. Cabe perguntar-se se todos os processos iniciados neste pontificado sobreviverão à mudança de Papa e se ainda veremos uma Igreja mais sinodal e voltada para Jesus e seu amor pelo Reino.

Referências

BENEDETTI, L. R. *Novos Rumos do Catolicismo*. In: CARRANZA, B.; MARIZ, C.; CAMURÇA, M. *Novas Comunidades Católicas. Em busca do espaço pós-moderno*. Aparecida: Editora Ideias & Letras, 2009.

BENTO XVI. Homilia do Papa Bento XVI. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2006. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2006/documents/hf_ben-xvi_hom_20060507_priestly-ordination.html. Acesso em: 20 nov. 2021.

BRIGHENTI, A. *O Novo Rosto do Clero – Perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021.

CARMO, S. Padres ornamentados: o que isso nos diz? *Revista Ihu on-line*, 2017. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/566835-padres-ornamentados-o-que-isso-nos-diz>. Acesso dia: 14 nov. 2021.

CARRANZA, B. Visão do mundo e concepção social dos padres novos no Brasil. In: *O Novo Rosto do Clero — Perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021.

ERLIN, P. L. Quem tem medo do Papa Francisco. Resultado de uma pesquisa. *Revista Ave Maria*, Ano 116, 2014.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica A alegria do Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Papa Francisco: "A rigidez esconde alguma coisa". *Revista Ihu on-line*, 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561681-papa-francisco-a-rigidez-esconde-alguma-coisa>. Acesso em: 20 nov. 2021.

JOAQUIM, M. S. *Seminários e a cultura do clericalismo*. In: Disponível em: <http://ihu.unisinos.br/6d12074>. Acesso em: 18 ago. 2021.

KAUFMANN, F.-X. *A crise na Igreja: como o cristianismo sobrevive?* Tradução de Milton Camargo Mota – São Paulo: Edições Loyola, 2013.

LIBANIO, J. B. *A volta à grande disciplina*. Reflexão sobre a atual conjuntura da Igreja. São Paulo: Edições Loyola, 1983.

MARTEL, F. M. *No armário do Vaticano: poder, hipocrisia e homossexualidade*. Trad. Artur Lopes Cardoso. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

MESSORI, V.; RATZINGER, J. *A Fé em Crise? O Cardeal Ratzinger se interroga*. Trad. Pe. Fernando José Guimarães. São Paulo: E.P.U., 1985.

OLIVEIRA, J. A. *Quem tem medo do Papa Francisco* (Inédito, 2015, arquivo pessoal).

URQUHART, G. *A armada do Papa*. O segredo e o poder das novas seitas da Igreja católica. São Paulo: Ed. Record, 2002.

RECEBIDO: 01/10/2021
APROVADO: 27/10/2021

RECEIVED: 10/01/2021
APPROVED: 10/27/2021